



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## O TRATO ESCOLAR DA SEXUALIDADE: DISCURSOS E SILÊNCIOS

Izaías Serafim de Lima Neto<sup>1</sup>; Jorrana Ferreira de Melo; José Marcos Rosendo de Souza; Natan Severo de Sousa

*Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: [izaiasserafimneto@outlook.com](mailto:izaiasserafimneto@outlook.com)*

*Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: [jorrana.mello@hotmail.com](mailto:jorrana.mello@hotmail.com)*

*Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: [mark\\_city@hotmail.com](mailto:mark_city@hotmail.com)*

*Universidade Estadual da Paraíba – E-mail: [n.s.saobento@gmail.com](mailto:n.s.saobento@gmail.com)*

Pensar o universo escolar e os discursos que dele e por ele são produzidos é de suma importância para compreendermos o papel formador desta instituição. No decurso da história, pensou-se inúmeras temáticas que concernem a escola e abnegou-se outras tantas, dentre as quais a sexualidade está. O ensino dessa sexualidade por muito ( e talvez até hoje) manteve-se alicerçado em ideais/discursos fisiologistas e biológicos que atentam exclusivamente ao caráter reprodutivo do sexo. Inquietos com isso, nos dispomos nesse estudo a discutir o trato da sexualidade pela escola; guiados, então, pelo seguinte problema: Como a escola discursiva o sexo e a sexualidade?, buscaremos em Foucault (2009, 2010, 2014, 2015) e Louro (1997, 2000), entre outros para discutirmos através dessa pesquisa bibliográfica o tema. Tendo, pelas leituras teóricas realizadas, percebido o como se alicerça o discurso que forma a escola e que também age na formação, observamos como os valores religiosos perduram e gerenciam os dizerem no universo da Educação. Assim, através desse estudo, pudemos perceber que, mesmo com os avanços metodológicos no meio escolar e no ensino ainda temos um trato discursivo do sexo e da sexualidade arraigado nos modelos silenciados de dizeres , bem como um trato fisiológico da temática, anulando, assim, o caráter sócio-histórico que ambos os temas têm para os educandos.

**Palavras-chave:** Sexo. Sexualidade. Discurso. Ensino.

---

<sup>1</sup> Bolsista CAPES pelo PIBID Língua Portuguesa do CAMPUS IV da Universidade Estadual da Paraíba, Catolé do Rocha/PB



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

## **INTRODUÇÃO**

Há temas que dizem respeito à escola de modo especial, pois confirmam seu papel formador. Um dos mais complexos de se discutir (ou ao menos fomentar o diálogo sobre) é a sexualidade – aqui entendida além das implicações biológicas que a temática traz, visto que, em sua maioria esmagadora de vezes, o trato do sexo/sexualidade na escola para na nomenclatura e função dos sistemas reprodutores masculino e feminino.

Por isso, intrigados com esse “dilema”, nos interessa discutir no presente artigo como a escola se utiliza do discurso da sexualidade na formação dos alunos. Dessa maneira, buscaremos elucidar a seguinte indagação: Quais discursos a escola gera e por ela são gerados quanto ao sexo e a sexualidade? Para alcançarmos nossos objetivos, traremos uma discussão bibliográfica embasados principalmente em Foucault(2009, 2010, 2014, 2015) Louro (1997,2000 ) que trazem-nos as contribuições quanto a sexualidade.

Além disso, buscamos nos estudos sobre a prática escolar e o papel da escola na formação cidadã que encontramos em Freire (2005) e Bourdieu (2007), bem como atentamos aos documentos que sinalizam as filosofias de ensino no Brasil que são os PCN’s (BRASIL,1998) como olhar mais aprofundado aos que se referem à Educação sexual.

## **2 METODOLOGIA**

Para a construção do nosso estudo nos ativemos a leituras reflexivas das teorias essenciais sobre o discurso de sexo e sexualidade enveredando sempre pela sexualidade infantil e o trato dela no discurso histórico. Também, em consonância com o objetivo de nosso estudo, refletimos sobre as teorias que embasam a Educação no Brasil, bem como teóricos que colaboram para os estudos na área.

Após as leituras serem concluídas, efetivou-se um apanhado dos fichamentos e uma construção teórico-crítica daquilo que foi lido com fins de elaboração do texto, o qual buscou-se basear numa criticidade de vivências e inferências acadêmicas.



**II CONEDU**  
CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

### **3 SEXUALIDADE E ESCOLA: RELAÇÕES E SABERES**

Pensar o ambiente escolar sem levar em conta toda a carga de significados que ele traz seria tolice. Atentar a como e por que a escola discursiviza certos temas é de suma importância para compreender o quão influente é essa instituição na formação dos sujeitos. Então, aqui, se fará uma discussão, mesmo que ainda incipiente, mas, necessária acerca do papel da Escola/Ensino na constituição dos discursos sobre a sexualidade.

Levemos em conta, inicialmente, o caráter padronizador da instituição escolar. Noutros séculos, a escola fora exclusividade de uma elite monárquica ou manufatureira. Depois, com o advento das tecnologias pelas grandes revoluções industriais, necessitou-se de mão de obra e a escola tornou-se cuidador de filhos de pais que necessitavam trabalhar para angariar sustento.

Logo após, esses filhos precisaram suprir o “investimento” de seus pais, tirando boas notas e tornando-se reflexo dos modelos que a escola apregoava. Buscando obter êxito na formação de cidadãos e profissionais capacitados a instituição escolar baseou sua prática e metodologia em modelos. Esses, por sua vez, fundamentados na religião incitavam o como se deveria ser e agir:

Através de seus quadros, crucifixos, santas ou esculturas, (a escola) aponta aqueles/as que deverão ser modelos e permite, também, que os sujeitos se reconheçam ( ou não) nesses modelos. O prédio escolar informa a todos/as a sua razão de existir. *Grifo nosso* (LOURO, 1997, p.58)

Nesse sentido, Foucault (2009) nos fala da “ritualização” dos saberes e da mecanização deles pela Escola/Ensino. Nessa perspectiva, quaisquer discursos oriundos do sistema escolar seriam ferramentas para distinguir os indivíduos frente aos saberes/discursos.

Ainda, sobre a atualidade, Louro (1997, p. 62) fala-nos de o como a escola, de forma velada, explicita as segregações, inclusive as sexuais: “Sob novas formas, a escola continua imprimindo sua “marca distintiva” sobre os sujeitos. Através de múltiplos e discretos mecanismos, escolarizam-se e distinguem-se os corpos e as mentes.”.



Essa distinção se dá pelo modo como a escola trata o tema da sexualidade. Esse manejo se torna explícito quando nos detemos à leitura dos PCN's referentes a essa temática temática transversal da sexualidade:

Se a escola deseja ter uma visão integrada das experiências vividas pelos alunos, buscando desenvolver o prazer pelo conhecimento, é necessário reconhecer que desempenha um papel importante na educação para uma sexualidade ligada à vida, à saúde, ao prazer e ao bem-estar e que englobe as diversas dimensões do ser humano. (BRASIL, 1998,p. 293)

Observemos o trato estritamente fisio-biológico do tema. Alude-se com frequência à questões de saúde quando se trata de sexualidade e há detrimento do aspecto sócio-histórico e formador que a ela desempenha.

Assim, ao distinguir os corpos (que são a materialidade biológica da sexualidade) a escola segrega os gêneros, seus desejos, suas particularidades, anulando a natureza social que a sexualidade apresenta. Dito isto, aludimos a Foucault (2015) que nos fala que nada mais concretiza o sujeito que a sexualidade, ou seu dizer sobre ela.

Por isso, levemos em voga o papel da escola na formação dos indivíduos e, também, no poder interventivo que essa instituição detém. Observemos que, historicamente, o ambiente escolar modificou-se, mas seu(s) discurso(s) de padronização e/ou silêncios quanto a inúmeros temas, não.

Outro trecho dos PCN's que abordam a sexualidade que merece atenção faz referência a outra característica comumente discursivizada quanto ao sexo: a reprodução. O documento diz que “ A orientação Sexual na escola é um dos fatores que contribui para o conhecimento e a valorização dos direitos sexuais e reprodutivos.” (BRASIL, 1998, p. 293)

Atentemos que o trato focal no discurso quanto ao sexo presente nesse trecho alude exclusivamente a um ensino do sexo com fins de procriação. Nessa enunciação, por excelência, excluem-se do universo escolar discussões que tratem de homossexuais, estéreis, e todos demais sujeitos que não se encaixam no padrão da reprodução da espécie.

Esse discurso ligado à procriação advém do que Foucault(2015) chama de *dispositivo de aliança* pelo qual no século XVIII houve enorme controle sobre os discursos acerca do



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

sexo, centrando seu papel única e exclusivamente nas relações matrimoniais que, por conseguinte, haviam de findar na propagação da espécie sem mencionar, no nível da linguagem, qualquer prazer ou necessidade identitária dos sujeitos.

Ademais, essa distinção de gênero e sexualidade e os silêncios ainda perduram nas escolas atuais, pois a escola mantém-se configurada como “máquina de fazer sujeitos”, porém não sujeitos que são diferentes, mas cópias dos modelos pelo currículo apreçados. E, dentro desses modelos, a sexualidade é posta de fora, não é jamais citada.

Quanto a ela, Foucault (1988) *apud* Louro *et al* (2000, s/p) nos diz que essa “é uma invenção social, uma vez que se constitui, historicamente, a partir de múltiplos discursos sobre o sexo: discursos que regulam, que normatizam, que instauram saberes, que produzem “verdades”.”

Se ela é social é necessária à escola como ingrediente na formação dos sujeitos, porém o que é visto de sexualidade ainda se restringe aos livros de biologia que tratam da constituição do sistema reprodutor masculino e feminino, mas jamais do caráter sócio-histórico e afirmador das identidades que ela tem.

Seria a escola, então, *lócus* de um discurso reprimido, ou melhor, de um discurso silenciado sobre a sexualidade enquanto característica identitária do sujeito, pois com esse silêncio funda-se uma maneira de negar que crianças tenham sexualidade e sexo.

Quanto a isso, Foucault (2015, p. 10) nos diz que:

As crianças, por exemplo, sabe-se muito bem que não têm sexo: boa razão para interditá-lo, razão para proibi-las de falarem nele, razão para fechar os olhos e tapar os ouvidos onde quer que venham a manifestá-lo, razão para impor um silêncio geral e aplicado.

Desse modo, a escola, sutilmente, anula a sexualidade dos alunos partindo da premissa de que eles não a têm. Ainda, nesse mesmo movimento de discursos, a instituição escolar nega tanto a existência daquela quanto a possibilidade da existência das sexualidades múltiplas (Foucault, 2015).



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

Nesse esboço, pairam a homossexualidade, a bissexualidade e as demais nuances que o sexo apresenta. No ambiente social que é a escola o sujeito sexual é anulado em detrimento do modelo essencial canônico religioso: homens e mulheres que abstém-se de seus desejos físicos em prol de objetivos espirituais.

Foucault (2015, p. 92) nos diz que para anular-se o sexo, no caso de nossa discussão, é necessário valer-se de uma *interdição*, e essa somente ocorre através de três processos no campo do discurso: primeiro é preciso que a escola apregoe a proibição do falar sobre o sexo, pois nesse falar estaria uma quebra de “decoro”, “bom costume” ou até mesmo desrespeito a instituição.

Em segundo lugar, obstruir o dizer impedindo-o. Além de, em terceiro caso, negar a sua existência, o que se fundamenta no silêncio imposto ao sexo durante o processo de formação de sujeitos no ambiente escolar. Assim,

“[...] do que é interdito não se deve falar até que seja anulado no real; o que é inexistente não tem direito de manifestação nenhuma, mesmo na ordem da palavra que enuncia sua inexistência; e o que deve ser calado encontra-se banido do real como interdito por excelência.” (FOUCAULT, 2015, p.92)

Para impedir o dizer sobre o sexo das crianças, institui-se uma relação de poder-saber médico sobre essa área. Pois, negando medicinalmente que elas têm desejos e curiosidades sobre o sexo ( negando a existência no campo, principalmente, da palavra) gera-se uma anulação, ou seja, o sexo passa a não existir para as crianças.

A vigilância médica, pedagógica e por parte da família configura, assim, um “foco local” de poder-saber (FOUCAULT, 2015, p.107). De início esse foco centrava-se no médico da família que examinava em detalhes as condições de saúde das crianças, logo após o psiquiatra assume o papel de ouvinte das confissões da crianças em busca de saber sobre sua sexualidade, e, por fim, no ambiente escolar o psicopedagogo assume a figura de legislador da sexualidade da criança, regrando os limites “saudáveis” de seu existir.

Uma regra, um cuidado, uma imposição de limites que é comum ao espaço escolar. Ao nos falar de um ensino libertador, Freire (2005) verbaliza o papel principal da escola:



liberação. Essa que se refira ao conhecimento do mundo ou ao conhecimento de si, é a chave para uma formação cidadã firme.

Nesse sentido, de acordo com os estudos de Bourdieu (2007), a escola que deveria ser imparcial privilegia um tipo específico de capital cultural em detrimento dos demais: os modelos já citados são apregoados e disseminados como o espelho a ser seguido, todavia esse espelho é sempre branco, burguês e heterossexual.

Em decorrência disso, o ambiente escolar segrega, mesmo que de maneira velada, os corpos de acordo com o *uso dos prazeres* (FOUCAULT, 2014) e a estrutura pigmentada das peles: numa exclusão que parte do biológico para o discursivo, os mártires que alicerçam o ensino em sua maioria não espelham os que dele se valem.

Afirmar, porém, como certeza absoluta do silenciamento da sexualidade e do sexo na escola é deveras incoerente, pois, como nos diz Foucault( 2015) desde os séculos XVII-XIX há um sistema de discurso que, ao calar o dizer sobre o sexo faz dele o “grande segredo” a ser confesso, um tesouro de si, e por isso ele é maciçamente dito e reafirmado.

Nesse sentido, quando a escola priva-se de discutir em todos os níveis as nuances do sexo e da sexualidade ela gera uma vontade incontável nos educandos de falar sobre ele, de pô-lo na esfera de existência e fazê-lo agir: quer na busca incessante por descobrir os prazeres de seu corpo, quer na busca de descobrir os prazeres no corpo de outrem.

Num esboço extremamente normativo, percebemos que “[...] a sexualidade, quanto a ela, encontra-se do lado da norma, do saber, da vida, do sentido, das disciplinas e das regulamentações” (FOUCAULT, 2015, p.160), pois essa é utilizada como meio de suprimir as vozes dos sujeitos, principalmente na esfera escolar.

Nesse jogo de silenciamento do sexo e da sexualidade dos alunos, a escola admite, assim como nos diz Foucault (2015), um jogo exaustivo de ausência e presença, pois, numa esfera biológica esses sujeitos possuem sim, sexualidade – essa que é definida pela formação dos órgãos sexuais – contudo num aspecto sócio-fisiológico não, porque não têm governo de seus instintos/características sexuais.

Assim, beirando o limite dos sujeitos dessa discussão, é necessário observarmos o papel do professor nessa dualidade discurso/silêncio sobre a sexualidade principalmente no



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

que tange ao espaço de sua ação: a sala de aula. Percebamos, com cuidado, que ao falarmos de sexualidade englobamos o heterossexual, o homossexual, os assexuados e as demais condições referentes àquela.

Os PCN's (BRASIL,1998, p. 302) nos dizem que “ a escola deve informar, problematizar e debater os diferentes tabus” num perímetro de discurso sobre o sexo, bem como “ é necessário que o Educador tenha acesso à formação específica para tratar de sexualidade com crianças e jovens na escola” (p.303), ou seja, numa ordem decrescente é obrigação da escola trazer à tona (com ênfase no objetivo de formar cidadãos aptos a agirem em sociedade) o debate referente a sexualidade.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

No início de nosso estudo nos dispomos a refletir e discutir sobre como a escola discursiva os temas do sexo e da sexualidade. Pelo decorrer das inferências e referências teóricas pudemos notar que os dizeres advindos do ambiente escolar quanto ao tema proposto ainda são tratados ora como coisa indizível, ora como tabu.

O que perdura, de maneira provavelmente errônea, é uma imposição silenciosa sobre a temática: há quem apregoe uma Educação Sexual, mas a bem da verdade ele não se efetiva em prol de um ensino que modela e quadrangula os discentes em parâmetros ainda canônicos do ser e agir. Num apanhado geral, observamos um silêncio imposto sobre a sexualidade na escola, numa tentativa ora velada, ora explícita, de anulá-la no campo da linguagem para erradicá-la do campo real.

Como também, percebemos um viés extremamente biológico no trato do tema que faz com que sexo e sexualidade restrinjam-se, na escola, ao estudo do aparelho reprodutivo masculino e feminino, sem perceber o caráter social do tema e sua importância na formação cidadã.

### REFERÊNCIAS

BRASIL. *Parâmetros curriculares nacionais*. Brasília: MEC, 1998.



## II CONEDU

CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO

BOURDIEU, P. O capital social – notas provisórias. IN: NOGUEIRA, M.A. & CATANI, A. *Pierre Bourdieu : Escritos da educação*. Petrópolis : Vozes, 2007

FOUCAULT, Michel. *A ordem do discurso*. 19ª edição - São Paulo: Loyola, 2009.

\_\_\_\_\_. *A arqueologia do saber*. 7ª edição - Rio de Janeiro: Forense, 2010.

\_\_\_\_\_. *A história da Sexualidade 1: a vontade de saber*. 2ª edição – São Paulo : Paz e Terra, 2015

\_\_\_\_\_. *A história da Sexualidade 2: o uso dos prazeres*. 1ª edição – São Paulo: Paz e Terra, 2014

FREIRE, Paulo. *Pedagogia do oprimido*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2005.

LOURO, G.L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista* – Rio de Janeiro: Vozes, 1997

LOURO, G.L.(et al). *O corpo educado: pedagogias da sexualidade*. 2ª edição – Belo Horizonte: Autêntica, 2000